



## **Série de Reportagens Diários Secretos do Paraná: a Imparcialidade e Objetividade no Discurso Jornalístico**

Naiara PERSEGONA

Ariane PEREIRA

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Guarapuava, PR

**Resumo:** A série de reportagens intitulada “Diário Secretos”, publicada pela RPC-TV compõe o corpus da pesquisa aqui apresentada. Recorte que sofrerá batimentos com o conceito de formações imaginárias, que compõe o escopo da análise do discurso, objetivando evidenciar que essas reportagens, de modo restrito, e o jornalismo, num olhar mais amplo, não correspondem aos preceitos da isenção, da neutralidade e da objetividade.

**Palavras-chave:** telejornalismo, análise do discurso, formações imaginárias.

### **1. Introdução**

Em 2010, quando ainda cursava o 2º ano do Ensino Médio, acompanhei algumas das primeiras reportagens exibidas pela RPC-TV referentes ao que foi chamado de caso dos *Diário Secretos*. Novamente no 2º ano, agora do curso de Jornalismo, volto-me para a série de matérias, dessa vez não mais como telespectadora, mas com o olhar de acadêmica, de quem estuda as reportagens num projeto de iniciação científica.

Nesse sentido, no estudo aqui empreendido, proponho perceber como essas matérias são construídas, sobretudo pelo viés de como estabelecem junto à seu público credibilidade. Para isso, lançarei mão do conceito de formações imaginárias, que compõe o aparato teórico da análise do discurso, e, também, das premissas do jornalismo, tais como isenção, imparcialidade, neutralidade e objetividade.

O intuito da minha pesquisa é analisar como os jornalistas abordaram esse tema de desvio de dinheiro público pela Assembleia Legislativa do Paraná. Como eles fizeram para que esse assunto de interesse público realmente virasse um interesse do paranaense a ponto de sair às ruas protestar em busca de explicações sobre os desvios. Foram criados fóruns por reforma política, movimentos pela ética na política paranaense e o movimento ‘o Paraná que queremos’, que teve maior repercussão no Estado.

O trabalho de quase dois anos de investigações e descoberta de atos nunca antes divulgados para os paranaenses rendeu a conquista de prêmios nacionais e internacionais. Entre eles o prêmio Esso considerado o mais disputado do Brasil, o



prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo e o Global Shining Light Award inédito para o jornalismo brasileiro.

Por fim, além da curiosidade em entender como a abordagem jornalística sobre determinado assunto pode mobilizar pessoas por uma causa, além também da série ter conquistado prêmios importantes através do jornalismo investigativo, outro fator que me instigou para este estudo foi procurar algumas respostas sobre o fazer jornalístico e compreender as ferramentas utilizadas na minha futura profissão. Começo o artigo com muitas perguntas na cabeça.

Já me disseram que a principal função do jornalismo é informar, também já foi dito que os jornalistas são formadores de opinião na sociedade. Mas, como desempenhar o papel de formador de opiniões sendo imparcial? Logo a imparcialidade que é o principal “cartão de visitas” da profissão, ele que é o responsável por manter a credibilidade do profissional. Acredito que em qualquer discurso há opinião, mas então como devemos trabalhar o discurso jornalístico? A opinião deve aparecer de forma velada? E será que mesmo de forma velada ela não influencia? E neste caso dos Diários Secretos, será que haveria mobilização popular se a abordagem do assunto pelos meios de comunicação tivesse sido mais imparcial?

## **2. Série especial com os diários oficiais do legislativo**

O “Diários Secretos” foi uma série de reportagens especiais produzidas pelas empresas jornalísticas paranaenses RPCTV e jornal Gazeta do Povo. Os jornalistas tiveram acesso aos diários oficiais da Assembleia Legislativa, e através de uma minuciosa investigação perceberam inúmeras irregularidades, entre elas a publicação de atos retroativos, a falha da sequência das datas, até mesmo datas inexistentes constam nos relatórios. Os diários oficiais são nada mais nada menos que o relatório dos atos realizados na Assembleia Legislativa, tudo deve constar nele: contratações, demissões, pagamentos. Através da descoberta dessas falhas nos relatórios dos atos da Assembleia, as equipes de jornalismo RPCTV e Gazeta do Povo passaram a investigar o que o poder legislativo paranaense estava escondendo nesses atos secretos e porque estavam omitindo nomes, situações e datas. Bingo! O faro investigativo dos repórteres estava correto, por trás desses erros de comunicação nos diários, estava escondido um grande esquema de corrupção que desviou mais de 100 milhões de reais dos cofres públicos. Como? Através da contratação de funcionários fantasmas, funcionários laranja,



excessivo número de cargos comissionados e a prática de peculato pelos diretores da casa.

Com o uso do jornalismo investigativo, os repórteres abusaram das câmeras escondidas e da apuração de qualquer documento suspeito vinculado a Assembleia.

A série de reportagens Diários Secretos começou a ser exibida pela RPCTV no dia 15 de março de 2010 e se prolongou durante todo o ano. A última matéria postada no site sobre o assunto foi no dia 13 de dezembro de 2010.

No site da RPC há um espaço dedicado a todas as reportagens da série ou referentes ao assunto, foi nessa página que tive acesso aos vídeos para a análise. No entanto, dos 174 vídeos que estão no site foram analisados 142, porque os últimos 32 vídeos não abriram por motivo desconhecido. Ao tentar abrir essas reportagens, aparece a mensagem na tela superior esquerda: “vídeo does not ex”.

### **3. Formações Imaginárias e a estratégia do discurso**

O conceito de Formações Imaginárias proposto por Michel Pechêux funciona como uma “estratégia do discurso”. A FI parte do princípio de entender os lugares dos sujeitos no discurso, o ser enunciador e o ouvinte. Esse entendimento de quem sou eu e de quem é o ser que interage comigo é possível através da reflexão acerca de algumas definições de Pechêux, são elas: condições de produção, relações de força e relações de sentido.

As condições de produção englobam as relações de força e de sentido, pois conforme as condições de produção são impostas relações de força ou produzidos sentidos diferentes no discurso.

A posição social, o cargo que ocupa no trabalho, o papel que desempenha na família fazem parte das condições de produção de um enunciador durante o discurso. A fala pode se apropriar de sentidos através da situação sócio-histórico-cultural do sujeito. Dessa forma, pode haver relações de interesse, percebidas através do discurso, devido às posições em que os sujeitos ocupam na sociedade. Como, por exemplo, as reuniões empresariais que não tratam dos interesses dos funcionários e nem sempre tem conteúdo e novidades da empresa, funcionam unicamente para legitimar poderes e manter o contato patrão-empregado.



As condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação social. As palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos (interlocutores) se inscrevem. (FERNANDES, Cleudemar, 2007, p.22)

Dentro da análise dos Diários Secretos da Assembleia Legislativa do Paraná, as relações de interesses a partir das condições de produção dos veículos de comunicação RPCTV e Gazeta do Povo serão estudadas. É fundamental que se estabeleça o papel do jornalista na sociedade e o seu interesse com o público paranaense.

As relações de força, como já dito, estão dentro das condições de produção. Essas relações podem ser estabelecidas e medidas conforme a posição do orador e a sua representação em determinado contexto. Ou seja, a mesma fala proferida pelos sujeitos X e Y tem importância e influência distintas, dependendo da sua posição social.

As reportagens especiais Diários Secretos mostram distintas relações de forças que devem ser analisadas: o sujeito jornalista, o político e o povo paranaense. É necessário pensar o papel de cada um destes sujeitos envolvidos e entender a estratégia discursiva que está por trás dos cargos em jogo.

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal e tal interesse, ou então está isolado, etc. Ele está, pois bem, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado: o que diz, o que enuncia, promete ou denuncia não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa em relação ao que diz. (GADET, F. et al, 1997,p.77)

As relações de sentido são pautadas por duas situações: as condições de produção em que o discurso é formado e a memória do interlocutor. A primeira situação está relacionada com o enunciador, ela ocorre no princípio da existência de um interesse, e para alcançá-lo o discurso pode ser usado como estratégia. O discurso como meio de convencer e persuadir é um aliado para quem toma a palavra e sabe como usá-la, logo, existe a união da condição de produção, interesse e discurso, formando assim um determinado sentido para um determinado enunciado. As distintas posições de poder na



sociedade sejam elas na família, na igreja, no trabalho, entre outras, apontam sentidos distintos para o discurso. O enunciado, dependendo da situação, toma significados conforme as posições sociais dos indivíduos, ou seja, posições privilegiadas ou desfavorecidas podem exprimir sentidos distintos.

A outra situação se refere à memória tanto do locutor como do interlocutor; o primeiro resgata suas experiências para organizar o discurso inconscientemente antes de torna-lo concreto, e o segundo, da mesma forma, recupera seus conhecimentos e vivências para interpretar discursos. As interpretações que fazemos dos discursos (sejam eles orais, verbais, gestuais ou imagéticos) dependem das experiências e aprendizados que incorporamos em nossas vidas desde que nascemos. Essas relações nos tornam seres individuais e pensantes, por isso para um discurso são admitidas diferentes maneiras de significação e explicação.

Memória discursiva: espaço de memória como condição do funcionamento discursivo constitui um corpo-sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. Trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma interdiscursividade, refletindo materialidades que intervêm na sua construção. (FERNANDES, Cleudemar, 2007, p.21)

Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de processo discursivo mais amplo, contínuo. (ORLANDI, Eni, 2003, p.39)

Devemos deixar a ingenuidade de lado e entender o discurso de forma mais crítica. Compreender que até o discurso ser concretizado, ele foi contagiado pelas condições de produção que envolve o orador.

O discurso usado como estratégia, faz parte do conceito das Formações Imaginárias de Michel Pechêux. A FI funciona como antecipação do que o ouvinte irá pensar, para explicar essa tática do discurso Eni Orlandi usa uma metáfora “como em um jogo de xadrez, é melhor orador aquele que consegue antecipar o maior número de ‘jogadas’, ou seja, aquele que mobiliza melhor o jogo de imagens na constituição dos sujeitos, esperando-os onde eles estão, com as palavras que eles ‘querem’ (gostariam de, deveriam etc) ouvir”. (2003, p.41).



As Formações Imaginárias propõe o entendimento do lugar dos sujeitos no discurso, as imagens que os sujeitos A e B fazem de si e as imagens que os sujeitos A e B fazem um do outro. O esquema das FI de Pechêux é representado através de quatro sentenças e quatro questionamentos, são eles:

IA (A) – Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A –  
‘Quem sou eu para lhe falar assim?’

IA (B) – Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A –  
‘Quem é ele para que eu lhe fale assim?’

IB (B) – Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B –  
‘Quem sou eu para que ele me fale assim?’

IB (A) – Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B –  
‘Quem é ele para que me fale assim?’ (Pêcheux, 1997, p.83)

No caso da pesquisa de Análise do Discurso dos Diários Secretos do Paraná, o sujeito representado em A é o jornalista e B é o povo paranaense (leitores). Para o desenvolvimento da análise da pesquisa, é fundamental que se compreenda a antecipação das reações que os sujeitos A e B fazem um do outro, bem como o reconhecimento dos seus lugares dentro do discurso.

A exemplo do esquema acima, os jornalistas que participaram da construção dos textos das notícias sobre os Diários Secretos da Assembleia praticam o exercício de refletir sobre o seu papel como jornalista na sociedade (mesmo que inconscientemente), guiados pelas perguntas: “Quem sou eu para falar com o leitor assim? Quem é o leitor para que eu lhe fale assim?”.

E no caso da resposta do leitor, atitude que começou com a famosa “carta do leitor” e tornou-se cada vez mais comum nos meios de comunicação. No século XXI, por exemplo, a internet proporcionou a convergência de mídias e a possibilidade de compartilhar os conteúdos jornalísticos das empresas de televisão, rádio, jornais impressos e revistas na web. Por sua vez, a web tem como característica principal a interatividade, proporcionando um contato direto e instantâneo do enunciador com o leitor. Nesse contexto, as outras duas perguntas do esquema de FI são utilizadas: “Quem sou eu para que o leitor me fale assim? Quem é o leitor para que me fale assim?” Questionamentos, que definem, portanto, as imagens dos lugares dos sujeitos A e B no discurso.



## **A objetividade e imparcialidade utópicas do Jornalismo**

Na grade de disciplinas do curso de Jornalismo constam matérias que ensinam aos alunos os comportamentos de um profissional do ramo. As discussões sobre a imparcialidade e a busca da objetividade nos textos é, possivelmente, o assunto mais recorrente nas aulas principalmente de Deontologia e Ética e Redação Jornalística.

Conforme Nelson Traquina, em seu livro intitulado Porque as notícias são como são publicado em 2004, a objetividade passou a fazer parte do jornalismo no século XX. “Surgiu com base numa mudança fundamental do jornalismo, que ocorreu no século XIX, em que a primazia era dada aos fatos e não às opiniões” (p.135).

A característica de dar prioridade as circunstâncias e não aos pensamentos passou a ser o meio pelo qual o profissional do jornalismo consegue a credibilidade. Os detentores da imparcialidade acreditam que através de um texto sem vestígios de posicionamento, ou seja, apartidário, o jornalista conquista e fideliza seus leitores. Ainda de acordo com Nelson Traquina, a objetividade no jornalismo não é a negação da subjetividade “mas uma série de procedimentos que os membros da comunidade interpretativa utilizam para assegurar uma credibilidade e se protegerem contra eventuais críticas ao seu trabalho” (p.139).

O ato de criar regras sobre o modo de escrever dos jornalistas aproximou a profissão caracterizada pela interação pessoal com as profissões das ciências exatas. A criação de “fórmulas” e modelos a serem seguidos, sugere o caminho ideal para que nenhum erro seja cometido.

O surgimento dos manuais de redação acompanha o próprio profissionalizar da atividade jornalística, que passa a assumir um caráter industrial, após, principalmente, o começo do final do século 19. Trata-se da era da informação de atualidade enquanto mercadoria (MARQUES DE MELO, 2003, p.24)

As experiências e memórias que cada pessoa acumula durante suas vidas são resultado de relações pessoais, diálogos, erros e acertos, enfim, uma infinidade de situações que nos fazem pensar de determinada forma e não de outra. Por isso, o jornalista quando está diante de um fato e precisa transformá-lo em notícia, enxerga a situação por um viés único. O profissional vai assimilar inconscientemente aquele fato



com suas memórias, influenciando a forma como ele irá abordar a notícia e escolher suas palavras para a reportagem.

Mas, é fato que, nesses ambientes, os profissionais conseguem, cada um a seu modo, encontrar espaço para criar, imprimir suas marcas, inovar formatos, adequar antigos modelos e caminhar em direções que não aquelas estipuladas em livros; e tudo simplesmente porque as estruturas do jornalismo não são extremamente rígidas. (ASSIS apud MARQUES DE MELO, 2009, p.236)

Pensando dessa maneira, a teoria e prática do fazer jornalístico não compatibilizam, porque de um lado os discursos seguem cheios de ideologias e opiniões veladas, e dos outro os manuais pregam o contrário, como o Manual de Redação da Folha de São Paulo de 2011, por exemplo, “a busca da objetividade jornalística e o distanciamento crítico são fundamentais para garantir a lucidez quanto ao fato e seus desdobramentos concretos” (p.22).

#### **4. O jornalismo que estimula a indignação**

O jornalismo é responsável por informar o seu público. E a forma como o texto do jornalista é escrito e os recursos visuais são conduzidos contribuem para que o telespectador tome posição sobre o assunto. Por isso, a profissão do comunicador é apontada como responsável por formar opiniões, porque os noticiários, muitas vezes, são a única fonte de informação que o público tem a respeito dos acontecimentos.

A série de reportagens que a Rpctv começou a apresentar hoje tem esse sentido, o de defender a instituição e jogar um pouco mais de luz para que a assembleia se torne transparente como a sociedade espera que ela seja. (Paraná TV 2. edição, edição de 15 de março de 2010, grifos nossos)

Depois que a Rpctv e o jornal gazeta do povo começaram a mostrar as irregularidades nos diários oficiais da assembleia veio a promessa de que tudo seria diferente com as publicações na internet, mas nossos repórteres mostram que a prática de manter alguns atos dos deputados em segredo continua. (Paraná TV, edição de 21 de junho de 2010)





O primeiro recorte acima é do início da exibição dos Diários Secretos, esse trecho mostra de forma resumida o propósito da série de reportagens. Basicamente, a intenção da equipe de jornalistas era despertar a vontade de justiça na população paranaense, a partir da publicação das irregularidades da assembleia legislativa. Os jornalistas quiseram cobrar o cidadão pelo fato de ele não estarem cobrando os políticos, então com esse trabalho de investigação tornou-se possível que a imprensa e a população fizessem esse trabalho de cobrança juntos.

O segundo recorte data pouco mais de três meses depois do primeiro, e revela que a equipe de reportagem continuou insistindo no caso e fazendo papel de fiscalizador dos atos do legislativo, bem como, através das reportagens, mostrando para a população que eles estão lutando para reparar as injustiças.

Essas relações entre o comunicador e público ocorrem de forma hierarquizada. O papel do primeiro é de emissor e do segundo é de receptor dos conteúdos produzidos. O lugar do jornalista no discurso foi construído e legitimado em nossa sociedade durante gerações, logo a sua imagem está relacionada à verdade, ao contador de fatos diários e a credibilidade.

Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno. (ORLANDI, Eni, 2003, p.40)

Nelson Traquina discursa sobre como o jornalista é associada e vista pelas pessoas. Profissão que está sempre rodeada por códigos deontológicos e manuais de conduta e texto:

A objetividade, ou uma outra designação de uma noção de equilíbrio (balance), está associada pela esmagadora maioria dos cidadãos ao papel do jornalista, e é consagrada nas leis que estabelecem as balizas do comportamento dos profissionais, em particular os que trabalham nas empresas de comunicação social do setor público. Está presente, pelo menos de forma implícita, se não explicitamente, nos códigos deontológicos dos jornalistas nos países democráticos e está no centro de toda uma mitologia que representa os jornalistas em diversas narrativas que ocupam um papel central na cultura profissional. (TRAQUINA, Nelson, 2004, p.143)



Essas relações de força se dão neste caso dos Diários Secretos tanto pela figura do profissional de jornalismo quanto pelo veículo de comunicação, ou seja, as reportagens especiais não foram exibidas em um canal de televisão qualquer, mas pela afiliada da rede globo no Paraná. Emissora responsável pelos telejornais mais vistos no estado. Dessa forma, a informação chega com mais força até o público, devido à confiança estabelecida com a emissora desde o século passado.

Manifestações foram organizadas durante a exibição das reportagens especiais. Se o objetivo da equipe de reportagem era, de alguma forma, mobilizar a população paranaense, conseguiram. Eles aguçaram a revolta das pessoas e o desejo de mudança, a partir da assimilação entre corrupção e política.

Praticamente toda situação que envolve a figura do político no Brasil é vista pela população com repúdio. Então, não é difícil fazer com que a população olhe para questões políticas com desafeto. Não é difícil construir um desejo de justiça quando o assunto é política governamental. Basta que as estratégias do discurso entrem em jogo.

Segundo o mecanismo de antecipação, todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI, Eni, 2003, p.39)

Causas populares foram travadas em 2010 durante os Diários Secretos. Alguns exemplos foram: a convocação de um fórum pela reforma política na Assembleia Legislativa, o Movimento pela Ética na Política Paranaense, e atos de apelo popular para que jovens de 16 e 17 anos fizessem título de eleitor. Grandes atos foram realizados também, como as manifestações de estudantes de Curitiba em frente à assembleia no dia 23 de março de 2010 e outra mobilização em Londrina no dia 17 de março de 2010. Atitudes populares que ganharam bastante espaço nas reportagens. Os trechos a seguir confirmam:

Os escândalos de corrupção na assembleia legislativa mostrados na série diários secretos da rpctv e gazeta do povo estão mobilizando os paranaenses. Amanhã vão ser feitos vários



protestos no estado pedindo rigor na punição dos envolvidos.  
(Paraná TV 1. edição, edição de 07 de junho de 2010)

A gente fala aqui diretamente da boca maldita, local onde está marcada a manifestação de amanhã, terça feira, 6 da tarde, que é um grande ato público manifestar, mostrar a indignação da população com esses casos de corrupção e desvio de dinheiro público. (Paraná TV 2. edição, edição de 07 de junho de 2010)

O fato das reportagens funcionarem como motivo para o desencadeamento de mobilizações e atos públicos de repúdio certamente não tem nenhuma ligação com a imparcialidade. O jornalismo responsável por informar foi mais além, teve a função de mobilizar. E, para mobilizar pessoas, o discurso dos jornalistas esteve sempre direcionado para conduzir pensamentos.

No final de várias VTs eles estimulavam a população a interagir com os escândalos dos deputados, em forma de denúncia ou de fiscalização. Como no seguinte texto: “No site rpc.com.br você pode fazer uma denúncia e também tem acesso aos emails dos deputados.”(25/03/2010). Ou ainda:

Não perca a chance de consultar e fiscalizar as ações do seu deputado. Você também pode ter acesso aos documentos usados na série de reportagens diários secretos, todas as informações estão na internet. (Paraná TV 2. Edição, edição 25 de março de 2010)

Ao escrever seu texto (o jornalista ou o editor) tomam partido em determinados assuntos, fazem isso ao escolher as palavras ou ao apresentar opiniões pessoais que, posteriormente, podem ser consumidas e incorporadas aos pensamentos do público.

O texto informativo, como qualquer enunciado, é um processo específico de individualização da linguagem enquanto código de significação. Quando um jornalista redige uma matéria, materializa um processo ininterrupto de escolhas e de eliminações que acabam constituindo uma mensagem entre uma infinidade de possibilidades preteridas. Além das escolhas estritamente formais de sintaxe e léxico, opera-se uma seleção temática. (BARROS apud PEREIRA , 1995, p.65)

Dessa forma, o uso das estratégias do discurso e a quebra da imparcialidade prevista no código de ética dos jornalistas, situações de condução de condutas são cada



vez mais recorrentes nos noticiários. Discursos e imaginários são proferidos todos os dias, e muitos deles, são legitimados com uma “ajudazinha” dos meios de comunicação.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações e poder. (ORLANDI, Eni, 2003, p.42)

## 5. Considerações Finais

O grupo envolvido com a série Diários Secretos foi responsável por produzir reportagens durante nove meses para os telejornais da RPCTV, as irregularidades do legislativo fizeram parte dos noticiários quase diariamente no ano de 2010.

O jornalismo investigativo conseguiu resultados concretos, por exemplo, os protestos populares em cidades paranaenses e a acusação e prisão de alguns envolvidos nos desvios de dinheiro público. Portanto, neste caso, os jornalistas não desempenharam apenas o papel de informar.

Dois fatores contribuíram para que as reportagens da série fossem responsáveis por conduzir pensamentos: o rompimento com os manuais de redação e as estratégias do discurso.

Os manuais fazem parte da conduta de um jornalista imparcial e objetivo, porém, a série é composta (em sua maioria) por notícias tendenciosas. A parcialidade é notada a partir da observação das escolhas de abordagem das imagens e dos textos das reportagens.

Já as estratégias do discurso funcionaram como "termômetro" para os jornalistas entenderem até onde poderiam chegar em suas abordagens. A antecipação do pensamento do público e a relação de força do veículo de informação foram fatores que ajudaram a mobilizar os cidadãos paranaenses e consagrar com sucesso a série Diários Secretos.

## 6. Referências Bibliográficas

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso – princípios e procedimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

PECHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tom (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 61-162.

TRAQUINA, Nelson. *Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Editora Insular, 2004.

FERNANDES, Cleudemar. *Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias*. São Carlos: Editora Garaluz, 2007.



BARROS FILHO, Clóvis. *Ética na Comunicação – da informação ao receptor*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

PEREIRA, Ariane Carla. *Rota 66 em Revista - As resistências do discurso do livro-reportagem*. Guarapuava: Editora Unicentro, 2010.